

Lugar de Fala no Jornalismo sob a Perspectiva de Gênero: O Retrato da Mulher em ‘Jogo de Cena’¹

Marina Vançan PRATA²

Paulo Roberto Ferreira de CAMARGO³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

A discussão acerca do conceito “lugar de fala” vem ganhando força nos últimos anos, especialmente em debates sociopolíticos nas redes sociais. Isso traz reflexos para além da internet, por ter aplicabilidade em diversas áreas, como jornalismo. Torna-se importante para profissionais da área o aprofundamento nesta teoria, para entendimento de seu(s) próprio(s) lugar(es) de fala conforme os lugares sociais que ocupam, bem como da influência dele(s) na construção de seu trabalho. Com esse conhecimento, torna-se possível construir narrativas mais conscientes, utilizando métodos adequados. Da mesma forma, por ser uma teoria complexa, é necessário entender a importância do lugar de fala, assim como suas nuances, resgatando o real sentido do termo. Nem sempre a teoria é utilizada corretamente em debates, sendo empregada de forma radicalizada ou para fins diferentes dos quais a cunharam. Daí a importância de investigar sua origem e fundamentos, bem como discutir sua aplicabilidade e limitações. Partindo da definição de Ribeiro (2017) sobre lugar de fala, entende-se que o lugar social ocupado por um indivíduo molda suas experiências e, portanto, suas perspectivas sobre o mundo, que se evidenciam, por exemplo, em produções intelectuais. Essa teoria não busca limitar nenhum discurso, reservando a “fala” sobre determinado lugar social apenas para quem o ocupa, mas defende o entendimento das diferenças entre os lugares ocupados por indivíduos, colocando aqueles mais externos ao assunto em posição de maior escuta sobre a realidade do outro. A reflexão proposta pela teoria se aplica a jornalistas homens que contam histórias de mulheres. Historicamente, mulheres têm sido retratadas na mídia sob uma ótica homogênea e estereotipada, o que influencia na visão da sociedade sobre elas e na própria autoimagem, como ressalta Mota-Ribeiro (2005). Uma das razões possíveis para esse retrato é a predominância da visão

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da PUCPR, email: marinaprata123@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUCPR, email: paulo.camargo@grupomarista.org.br.

masculina na mídia - que é majoritariamente, mas não exclusivamente aplicada por homens. Portanto, a discussão acerca do lugar de fala defende maior pluralidade de vozes ao contar histórias de mulheres, assim como um olhar mais acurado ao construir essas narrativas. O presente trabalho investiga como jornalistas homens podem contar histórias de mulheres efetivamente, sem emprego de estereótipos ou homogeneizações, mesmo que ocupem um lugar de fala diferente. O trabalho objetiva, ainda, identificar alguns possíveis métodos jornalísticos de apuração e entrevista que podem ser utilizados para tal. Por considerar o recorte de gênero ao estudar lugar de fala, o trabalho também pretende realizar um breve apanhado histórico de fatores-chave sobre o retrato da mulher na mídia, identificando alguns dos principais estereótipos e suas consequências socioculturais. Um exemplo de produção midiática realizada por um jornalista homem que conta a história de mulheres é o documentário “Jogo de cena” (2007), dirigido pelo aclamado documentarista Eduardo Coutinho, acerca de 23 mulheres. Esse documentário é tomado como objeto de análise pela sua relevância no cenário documental brasileiro, e por possibilitar a análise do lugar de fala ocupado pelo documentarista. “Jogo de cena” (2007) é, ainda, um exemplo do “método Coutinho” de documentar, que consiste em técnicas de entrevista, performatividade e reflexividade que podem dar pistas quanto à aplicação da teoria do lugar de fala por jornalistas quando contam histórias sobre lugares sociais diferentes dos seus. É tomado como problema de pesquisa o seguinte: conseguem os métodos utilizados por Coutinho, muitos deles associados ao jornalismo, traçar retratos complexos de suas personagens mulheres, mesmo estando fora do seu lugar de fala? O trabalho esteve norteado pelos métodos de pesquisa: revisão bibliográfica, para esclarecer conceitos e fundamentar a discussão; análise fílmica, para investigar o documentário em si e dentro de um contexto sociocultural; e entrevista em profundidade, buscando aprofundar a análise ao compreender melhor os métodos e processos de produção de “Jogo de cena” (2007). A primeira seção da monografia busca conceituar lugar de fala, investigando o real sentido da teoria e esclarecendo interpretações errôneas comuns. Busca, ainda, aplicar essa teoria ao jornalismo, destacando seu conflito com o valor jornalístico da objetividade e investigando novas propostas que levam o lugar social do jornalista em conta, como o jornalismo de subjetividade proposto por Moraes e Gouveia (2018). Ao invés de buscar apagar quem faz a notícia, esse método abraça a subjetividade do jornalista como estratégia para

desenvolver narrativas. A prática considera a imparcialidade jornalística um mito, e entende notícias como percepções variáveis da realidade - não como um espelho dela. Uma prática comum do jornalismo de subjetividade é assumir a presença do repórter, para deixar claro que se trata de uma construção, uma de muitas verdades. A segunda seção é uma breve investigação acerca de alguns fatores históricos da representação da mulher na mídia, identificando padrões e estereótipos comuns, bem como suas consequências socioculturais. Os princípios da imprensa feminista também são apresentados, para contraponto ao modelo vigente de retrato da mulher, considerando aspectos práticos e organizacionais do jornalismo. A terceira seção se dedica a investigar o método documental de Eduardo Coutinho, estabelecendo relação entre sua produção e o jornalismo. Uma atenção especial é dada à condução de entrevistas, à construção de personagens e à utilização de subjetividade. A seção seguinte, que conceitua as metodologias utilizadas no trabalho, também conta com uma entrevista em profundidade com Cristiana Grumbach, diretora-assistente de “Jogo de cena” (2007), que traz aspectos práticos da produção do documentário e comenta os métodos utilizados. A última seção contempla a análise do objeto, começando com a classificação de “Jogo de cena” (2007) na tipificação de documentários de Nichols (2008). O objeto é relacionando aos conceitos de lugar de fala, jornalismo de subjetividade e imprensa feminista. É investigado o emprego do feminino dentro e fora das telas, assim como o retrato das personagens mulheres segundo o método Coutinho. Foi possível concluir que a teoria do lugar de fala institui que o lugar social ocupado por um indivíduo molda suas perspectivas do mundo, que ficam evidentes em produções intelectuais e culturais. Sendo produtos jornalísticos um tipo dessas produções, torna-se importante para profissionais da área o conhecimento da teoria, para que jornalistas construam narrativas mais conscientes e justas socialmente a partir de noções mais claras dos lugares que ocupam na sociedade. Ao constatar esses conceitos, é possível concluir que Eduardo Coutinho, sendo um homem, não é desautorizado pela teoria a dirigir um documentário sobre mulheres, como “Jogo de cena” (2007). Até porque, demonstrou-se ilusória a possibilidade de autorrepresentação exclusiva de mulheres, pois tal ideia seria impraticável do ponto de vista jornalístico organizacional. Essa também seria uma visão simplista, considerando que os lugares sociais são entrelaçados, pois sujeitos são membros de diferentes grupos simultaneamente. Também foi possível

constatar que a teoria do lugar de fala entra em conflito com o valor jornalístico da imparcialidade. Como demonstram Miguel e Biroli (2010), a pretensão de que a perspectiva do jornalista é capaz de ser neutra e universal contribui para o silenciamento de vozes subalternizadas, se colocando como um obstáculo para a pluralidade de vozes buscada pela teoria do lugar de fala. Por isso, Spivak (2010) propõe o fim da chamada “transparência do intelectual”, que coloca vozes hegemônicas para falar por todos os indivíduos. A posição tomada por Coutinho em “Jogo de cena” (2007) mostra-se uma boa metodologia para prevenir a equivocada função de “dar voz” a grupos subalternos. O diretor abre espaço para o protagonismo de suas personagens com centralidade nas entrevistas e pelo entendimento de que, no resultado do filme, a voz do realizador se une às vozes das fontes. Outro método acurado é a noção que Coutinho tem de que realiza documentários “com” as pessoas, não “sobre” elas. Esse pensamento contribui para outro aspecto da teoria do lugar de fala, levantada por Ribeiro (2017). Uma conclusão importante foi possibilitada por Alcantara (2021), que discorre sobre a predominância da visão masculina na mídia. Por conta da sua ampla reprodução nos meios de comunicação ao longo da história, essa visão tornou-se enraizada na sociedade, para homens e mulheres. Assim, jornalistas mulheres também podem porventura perpetuar subalternizações de gênero em seus trabalhos, mesmo que estejam dentro do seu lugar de fala. Portanto, conclui-se que trazer as mulheres para liderarem produções acerca do feminino é importante para proporcionar a autorrepresentação defendida por Ribeiro (2017), bem como a pluralidade de vozes na mídia; porém, sozinho, esse fator não resolve a questão dos estereótipos e homogeneizações de gênero em produtos jornalísticos. Mais do que discutir o gênero do jornalista à frente do projeto, é preciso preocupar-se em reeducar profissionais da mídia, independente do gênero, acerca das questões de representação, “desprogramando” aquilo que décadas de reprodução impressada desses padrões institucionalizaram. Pelas razões elencadas, a conclusão dada para o problema da pesquisa é que, ainda que de forma intuitiva, Eduardo Coutinho adotou métodos de apuração, entrevista e construção de personagens que contribuem com a teoria do lugar de fala. Mais ainda, que esses métodos possibilitaram que o diretor traçasse retratos complexos, livres de estereótipos de gênero acerca das personagens em “Jogo de cena” (2007), mesmo que ocupe um lugar de fala diferente. Portanto, os métodos identificados nesta monografia podem ser alternativas

viáveis para jornalistas homens que pretendem retratar personagens mulheres fazendo uso mais consciente de seu lugar de fala.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar de fala; feminismo; Eduardo Coutinho; jornalismo de subjetividade.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Juliana. Gênero e jornalismo: quem produz as notícias e como influenciam no discurso. **Observatorio (OBS*) Journal**, Coimbra, v. 15, n. 1, p. 38-47, 2021. Disponível em: <<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1688>>. Acesso em: 04 mai. 2021.

AMARAL, Márcia Franz. **Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa**. *Contracampo*, n. 12, p. 103-114, jan./jul. 2005.

BENETTI, Márcia. **Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica**. *Revista do mestrado da comunicação UFRGS*. Vol. 1, n. 14, p. 1-11, jan./jun. 2006.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644745>>. Acesso em: 04 mai. 2021.

BUTLER, Judith. Problemas de los géneros, teoría feminista y discurso psicoanalítico. In: NICHOLSON, Linda (org.). **Feminismo/posmodernismo**. Buenos Aires: Feminaria, 1992. cap. 3, p. 75-95.

CERQUEIRA, Carla; MAGALHÃES, Sara; SANTOS, Anabela; CABECINHAS, Rosa; NOGUEIRA, Conceição. **De outro gênero: propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo**. 1. ed. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2014.

COUTINHO, Eduardo. “Tudo o que eu faço é contra o jornalismo”. **Agência Pública**, Rio de Janeiro, 03 fev. 2014. Entrevista concedida a Mariana Simões. Disponível em: <<https://apublica.org/2014/02/tudo-eu-faco-e-contra-jornalismo/>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 165-191, jan./jun. 1997.

DINIZ, Felipe Maciel Xavier. **O jogo de cena de Eduardo Coutinho: entre a estrutura e o acontecimento**. 2012. 125 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação. **Revista XIX**, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 95-105, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21741>>. Acesso em: 04 mai. 2021.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. DUARTE, Jorge. (org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 1. ed. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 62-83, 2005.

FIGUEIRÔA, Alexandre; BEZERRA, Cláudio; FECHINE, Yvana. O documentário como encontro: entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho. **Galáxia**, São Paulo, n. 6, p. 213-229, jul./dez. 2003.

FRASER, Nancy; NICHOLSON, Linda. Crítica social sin filosofía: un encuentro entre el feminismo y el posmodernismo. *In*: NICHOLSON, Linda (org.). **Feminismo/posmodernismo**. Buenos Aires: Feminaria, 1992. cap. 1, p. 7-29.

FUKS, Érico. **A pessoa é para o que nasce**: crítica. 2005. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/ia-pessoa-e-para-o-que-nasce-i>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GALLAGHER, Margaret. Media and the representation of gender. *In*: CARTER, Cynthia; STEINER, Linda; MCLAUGHLIN, Lisa (eds.). **The Routledge companion to media and gender**. Nova York: Routledge, 2014. cap. 1, p. 23-31.

GALLAGHER, Margaret. O Imperialismo de batom e a nova ordem mundial: As mulheres e os media no final do século XX. *In* Silveirinha, M. J. **As mulheres e os media**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004, pp. 69-96.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem**: representação da mulher no cinema. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS. Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009.

KAPLAN, Ann. A history of gender: theory in cinema studies. *In*: GABBARD, Krin; LUHR, William (eds.). **Screening genders**. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2008, cap. 1, p. 15-28.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. A voz e vez da redação: relatos acerca da trajetória de formação do telejornalista brasileiro - Eduardo Coutinho. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 244-252, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/142356>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

LINS, Consuelo da Luz. O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente. *In*: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). **Documentário no Brasil**: tradição e transformação. São Paulo: Summus, 2004, p. 179-198.

LINS, Consuelo da Luz. **O documentário de Eduardo Coutinho**: televisão, cinema e vídeo. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela**: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. São Paulo: Paulus, 2007. 250 p.

MACHADO, Sandra de Souza. Estereótipos de gênero e papéis modelo: #Mais Mulheres Maravilha nos Cinemas. **Revista Observatório**, v. 3, n. 6, p. 354-386, jun./dez. 2017.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário, cinema e documentário: apontamentos para um diálogo entre as áreas. **Comunicação midiática**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 98-116, mai./ago. 2012.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 25, n. 73, p. 59-76, jan./jun. 2010. Disponível em:



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Balneário Camboriú - SC – 16 a 18/06/2022

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 mai. 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Notas estratégicas quanto ao uso político do conceito de lugar de fala.** Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/corpo/notas-estrategicas-quanto-aos-usos-politicos-do-conceito-de-lugar-de-fala>>. Acesso em: 03 mai. 2021.

MORAES, Fabiana. **Ativismo, isenção e subjetividade:** sobre um jornalismo que ainda não ousa dizer os nomes. 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2019.

MORAES, Fabiana. **Para que serve um jornalismo de subjetividade?** 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, 2018.

MORAES, Fabiana; GOUVEIA, Diego; MAIA, Marta (org.); MARTINEZ, Monica (org.). Para além do robô, a reportagem: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. **Narrativas midiáticas contemporâneas:** perspectivas metodológicas. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. **Retratos de mulher:** construções sociais e representações visuais do feminino. 2002. 370 f. Dissertação de Mestrado (Sociologia da Cultura e dos Estilos de Vida) Universidade do Minho, Braga, 2002.

NICHOLS, Bill. A voz no documentário. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema:** volume II. São Paulo: Senac São Paulo, 2005. p. 47-67.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** 3. ed. Campinas: Papyrus, 2008. 270 p.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes: conceitos e metodologia(s).** VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2021.

RESENDE, Fernando. Jornalismo e enunciação: perspectivas para um narrador jornalista. **Histórias e teorias do jornalismo**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 85-112, jul./dez. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17387>>. Acesso em: 04 mai. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** 1. ed. São Paulo: Pólen, 2017.

SANTOS, Cleber Eduardo Miranda Dos. **Paralelas e transversais:** A pessoa é para o que nasce de Roberto Berliner e Extremo Sul de Mônica Schmidt. *Contracampo - Revista de cinema*, v. 72, 2005. Disponível em: <<http://www.contracampo.com.br/72/pessoaeextremosul.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SENKEVICS, Adriano. **As armadilhas do “lugar de fala” na política contemporânea.** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-armadilhas-do-lugar-de-fala-na-politica-contemporanea/>>. Acesso em: 03 mai. 2021.

SILVÉRIO, Maria. **O jornalismo sob o olhar da hermenêutica filosófica de Gadamer.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silverio-maria-2013-jornalismo-sob-olhar-hermeneutica.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2021.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Balneário Camboriú - SC – 16 a 18/06/2022

SIMÕES, Rita Basílio de. Do escrutínio dos media aos media sob escrutínio: estereótipos de gênero no espaço público mediatizado. *In*: SIMÕES, Rita Basílio de; SERRANO, Clara; NETO, Sérgio; MIRANDA, João (orgs.). **Pessoas e ideias em trânsito: percursos e imaginários**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, cap. 1, p. 13-35.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TRONCO, Selma Rizzetto. A Obra De Eduardo Coutinho Sob A Ótica Do Jornalismo Literário. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos: 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0903-1.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2021.